

A black and white photograph of a grand neoclassical building, likely a government or institutional structure. The building features a prominent dome on the left side, supported by a series of columns. The facade is characterized by arched windows and doorways, with a balcony on the upper level. In the foreground, a crowd of people is gathered, some looking towards the camera and others engaged in conversation. A street lamp with two globes is visible on the right side of the image. The overall scene suggests a busy public square or a significant landmark in a city.

VIVA O CENTRO A PÉ

Memória Cultural
nº. 5

- VIVA O CENTRO A PÉ -

Secretaria Municipal da Cultura
Coordenação da Memória Cultural

Porto Alegre
2014

Notas Sobre a História de Porto Alegre

Charles Monteiro

A fundação de Porto Alegre está inserida no processo de conquista e expansão dos domínios portugueses ao sul do Brasil em direção ao Rio da Prata. Portugueses e espanhóis disputavam a região povoada por vários grupos indígenas.

A província e a população sul-rio-grandense foram se formando a partir do choque, mas também das trocas comerciais e dos acordos político-militares, entre dois polos de conquista e colonização do território meridional.

A partir de mais ou menos 1730, ou seja, na primeira fase da conquista do território atual de Porto Alegre, ocorreram incursões por terra de apresamento do gado xucro (criado à solta sem interferência do homem) com a construção de currais. Em 1740, foi concedida a primeira carta de sesmaria nos Campos de Viamão.

No espaço que corresponde ao atual perímetro urbano de Porto Alegre, foram doadas três sesmarias: a Sebastião Francisco Chaves (Estância São José), a Dionísio Rodrigues Mendes (Campos do Dionísio) e a Jerônimo de Ornelas (Estância de Sant'Ana), essa última situada entre o Arroio Dilúvio e o Guaíba, cedeu espaço à povoação que surgiria junto ao Porto do Dorneles. Ela equivaleria mais ou menos aos atuais bairros: Centro, Cidade Baixa, Bom Fim, Moinhos de Vento, Passo d' Areia e Navegantes.

Em 1752, em decorrência do Tratado de Madri e do projeto da Coroa portuguesa de assentar colonos no território



das Missões Jesuíticas, é que se inicia o processo efetivo de povoamento do Porto do Dorneles. Os casais açorianos provenientes da Vila de Rio Grande rumando para as Missões, foram obrigados a aguardar transporte e a pacificação da região envolvida nas Guerras Guaraníticas (1753-1756). Porém as disputas entre as Coroas de Portugal e de Espanha pelos territórios missioneiros foram se estendendo, tendo sido concluídas apenas em 1801. Na espera pelo desfecho dos conflitos na fronteira, os colonos tiveram de se arrancar e fazer as suas lavouras próximas à desembocadura do Arroio Dilúvio, no local conhecido como Porto do Dorneles. Abandonados pela Coroa Portuguesa, eles tiveram de prover os meios para sua subsistência. O lugar passa a ser conhecido como Porto de São Francisco dos Casais após a construção de uma pequena capela devotada ao santo popular nos Açores.

Em 1763, devido à invasão espanhola da Vila de Rio Grande, a sede do governo do Rio Grande de São Pedro transfere-se para a Vila de Viamão. Por volta de 1768, Jerônimo de Ornelas vende sua propriedade para Ignácio Francisco, provavelmente por conflitos gerados pela presença dos colonos e de suas hortas na ponta da península.

Em 1772, o Governador da Capitania José Marcelino de Figueiredo (Manuel de Sepúlveda) mandou melhorar os dois caminhos que ligavam Viamão ao Porto dos Casais, demarcar as ruas do povoado e os lotes dos colonos. Em 26 de março de 1772, o povoamento é elevado a Freguesia de São Francisco das Chagas, desvinculando-se de Viamão, e dando início ao registro dos nascimentos, batismos, casamentos e óbitos de seus habitantes, data que os historiadores consideram a de fundação de Porto Alegre. Em 1773, a capital da Província é transferida de Viamão para a Freguesia de São Francisco dos Casais, que passa então a se chamar Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre.



Em 1774, foi iniciada a construção do Arsenal de Guerra, onde seriam armazenadas armas, munições, metais e rendas em espécie para a Coroa.

Em 1778, foram construídas as fortificações que tiveram um importante significado na organização do espaço urbano. Fora das fortificações, existiam outros espaços de organização da freguesia, especialmente as chácaras de produção agrícola que abasteciam as principais necessidades da povoação e permitiam até exportar algum excedente da produção. A malha urbana, entendida como a rede de caminhos dentro das fortificações, estava constituída por três ruas principais que, partindo da ponta da península, atravessavam-na em sentido longitudinal e se encontravam diante do portão da povoação.

Essas ruas mudavam de nome ao longo de seus percursos fazendo referência às peculiaridades do terreno, aos nomes de seus moradores ou às atividades importantes para a comunidade, tais como a Rua da Graça e a Rua da Praia (atual Andradas), a Rua da Ponte e a Rua do Cotovelo (atual Riachuelo), a Rua da Igreja e a do Hospital (atual Duque de Caxias), que foram as primeiras ruas a receber calçamento, chafarizes para abastecimento de água (1779), limpeza, policiamento e iluminação de candeeiros a óleo de baleia (1832).

As vielas que cortavam transversalmente essas ruas eram chamadas de becos e tinham um percurso curto, estreito e acidentado, através das ladeiras que subiam a colina na área central da península. Os nomes desses becos também estavam ligados aos nomes de moradores e às atividades cotidianas ali realizadas, tais como: o Beco do Leite, Beco do Fanha, Beco do Firmo, Beco do Barbosa (atual Rua Barros Cassal), Beco do Oitavo (atual Rua André da Rocha), Beco da Ópera (atual Rua Uruguai) entre outros.



As primeiras olarias foram criadas apenas no século XIX. Em 1784, iniciou-se a construção do Palácio do Governo, um casarão de dois andares em estilo colonial, ao lado da Igreja Matriz. Em 1790, é concluída a Casa da Junta e, em 1795, a cadeia. Dessa forma, visíveis a todos, em forma de acrópole no Alto da Praia (ou Cidade Alta) estavam representados os poderes administrativos seculares e religiosos. A cidade alta se ligava ao porto e à alfândega através da Rua da Ladeira.

Em 1808, Porto Alegre é elevada à Vila. Em 1809, a Província é dividida em quatro municípios: Porto Alegre, Rio Grande, Santo Antonio e Rio Pardo. Em 1814, a vila de Porto Alegre possuía seis mil habitantes, e a Província, 70 mil (Singer, 1977, p. 149). Em 1822, Porto Alegre é elevada à categoria de cidade.

Na área urbana central, os largos eram os principais espaços de reunião e de sociabilidades no século XIX. Os mais importantes eram o Largo da Quitanda, Largo dos Ferreiros, do Pelourinho e do Arsenal, espaços de múltiplos usos que reforçavam os laços comunitários, onde trabalho, festas populares e religiosidade aconteciam lado a lado. As principais formas de sociabilidade eram as festas religiosas do Divino, da Páscoa, de São João e, principalmente, de Nossa Senhora dos Navegantes pelo caráter portuário da cidade e a tradição católica portuguesa açoriana.

Em 1829, surgiu o Código de Posturas Policiais para disciplinar os usos e a ocupação do espaço urbano. Ele designava os locais de coleta de água, lavagem da roupa dos hospitais, do despejo dos esgotos, do lixo etc.

Em 1842, o Governador da Província Saturnino de Souza mandou construir um mercado público para organizar o comércio na capital, que era feito em bar-



racas desordenadamente espalhadas entre o Largo da Alfândega e do Paraíso.

A Guerra dos Farrapos (1835-1845) modificou o ritmo e o sentido do crescimento urbano de Porto Alegre. As fortificações foram reconstruídas e passaram a englobar novas áreas, localizadas na parte oposta da colina, na altura da atual Avenida Loureiro da Silva. Dentro desses limites, que continham até mesmo chácaras como a da Baronesa, surgem novas ruas, e as construções começaram a se adensar.

Com o fim da Guerra dos Farrapos, em 1845, Duque de Caxias manda demolir as fortificações e a cidade, que havia se concentrado na ponta da península, começou a se expandir ao longo das estradas e caminhos originando os arraiais. A construção da Ponte de Pedra sobre o Arroio Dilúvio (em substituição à de madeira do Chico da Azenha) facilitou a expansão da cidade em direção ao sul (Spalding, 1967, p. 103).

A partir da segunda metade do século XIX, a cidade recebe uma série de melhoramentos significativos. Constrói-se o Theatro São Pedro (1858), no alto da colina, que, com a Casa da Ópera, era a opção cultural e de vida noturna em Porto Alegre. Funda-se a Hidráulica Porto-Alegrense (1865), que passa a fornecer água em domicílio para as elites endinheiradas e, nos chafarizes públicos, para a população.

Os largos passam por um processo de urbanização, pois se inicia a retirada das imundícias neles atiradas pela população, a remoção da vegetação rasteira e a drenagem do terreno. Cabe lembrar que, nesse período, a cidade é assolada por epidemias de cólera e outras doenças, devido às más condições de higiene e de conservação das mercadorias e dos espaços públicos. Na década de 1860, o Largo do Arsenal foi transformado na Praça da Harmonia.



Em 1874, foi implantada a primeira linha férrea ligando Porto Alegre a São Leopoldo, posteriormente estendida até Novo Hamburgo. A estação da estrada de ferro localizava-se na esquina das ruas Voluntários da Pátria com Conceição.

Os arraiais cresciam de importância e recebiam nomes, como o do Menino Deus e da Cidade Baixa. Os cruzamentos de estradas com funções comerciais ganharam significado na estrutura urbana, entre eles: São Manuel, São João e Navegantes.

Os arraiais também eram frequentados para recreação, pois neles se localizavam os hipódromos: Rio-Grandense (bairro Menino Deus), Boa Vista (bairro São Miguel), Independência (bairro São Manuel) e dos Navegantes.

Surgem também os arraiais da Glória e do Partenon, esse último, assim chamado por causa da Sociedade Partenon Literário, que reuniu, a partir de 1868, a elite dos intelectuais locais, como Apolinário José Gomes Porto Alegre, Aquiles Porto Alegre e José Antônio do Vale Caldre e Fião.

Em 1869, foi inaugurado o novo Mercado Público que se tornou a maior obra arquitetônica da cidade, um prédio térreo amplo, com planta em forma de quadrado, possuindo uma torre em cada vértice e um portão de ferro em cada lado. Possuía 72 bancas internas e 80 externas, para comércio de todo o tipo de gêneros que chegavam do interior à doca ao lado do mercado (atual Praça Parobé), onde atracavam vários tipos de embarcação à vela.

Em 1874, a primeira linha de bondes puxada por tração animal entra em funcionamento. A Cia. Carris de Ferros fazia duas linhas para o Menino Deus, uma saindo do



mercado e passando pela Rua da Margem (atual João Alfredo) e outra saindo da Praça da Matriz e passando pela Várzea (atual Parque Farroupilha). Segundo Franco (1988, p. 405), até 1899 seriam criadas mais sete linhas de bonde ligando o Centro aos arraiais: Partenon (1880), Independência (1893), Floresta (1893), São João (1896), São Pedro (1896), Glória (1897) e Teresópolis (1899).

Nesse período, crescia a importância da presença alemã na cidade através da criação de sociedades para a prática de esportes como o ciclismo, o remo, o tiro e a caça. Paul Singer chama esse período da história local de “a cidade dos alemães”, pois sua presença era marcante no estilo arquitetônico das construções, na liderança da associação comercial, na política, na criação de novas empresas (fábricas) e de sociedades.

Com a Proclamação da República, inicia-se uma nova fase do fenômeno urbano, caracterizada pela complexificação e reorganização social no espaço urbano, decorrentes das mudanças nas estruturas política, social e econômica da sociedade brasileira.

O crescimento populacional, urbano e a modernização dos espaços, dos serviços e das formas de sociabilidade pública estavam relacionados ao crescimento comercial e industrial da cidade. Porto Alegre era o centro político e o porto comercial de exportação e importação em expansão no fim do século XIX (Pesavento, 2001).

No Rio Grande do Sul, após a consolidação do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) no poder, José Montauray assume a Intendência de Porto Alegre. A continuidade do PRR na administração estadual e desse intendente no poder, entre 1897 e 1923, marcariam o início do processo de reurbanização da capital.



Porto Alegre foi uma das primeiras capitais do país a ter um plano urbanístico visando organizar o crescimento da cidade. O arquiteto João Moreira Maciel, através do “Plano Geral de Melhoramentos” (1914), propunha a abertura de novas avenidas e o alargamento das ruas principais com o objetivo de desafogar o tráfego no Centro da cidade e melhorar a ligação deste com os bairros. Também projetou uma avenida que margeava o Guaíba e o embelezamento da área central com a criação de praças e áreas verdes.

Entretanto, tão importante quanto a estabilidade política da nova ordem republicana foi o crescimento populacional e o processo de industrialização, que se iniciou na década de 1890.

Os políticos republicanos trataram de afirmar a nova ordem política também de forma simbólica no espaço urbano, alterando os nomes das ruas, avenidas e praças da capital. Assim, a Praça D. Pedro II passou a denominar-se Praça Marechal Deodoro, a Praça Conde D’Eu passou a ser Praça 15 de Novembro, a Rua do Imperador tornou-se Rua da República, a Rua Imperatriz passou a chamar-se Rua Venâncio Aires, a Rua D. Isabel tornou-se Demétrio Ribeiro, e a Rua Imperial passou a ser denominada Benjamin Constant. A nova identidade política republicana e castilhistas continuaria a ser afirmada no nome escolhido para as novas avenidas (como as avenidas Julio de Castilhos, Borges de Medeiros, Otávio Rocha e Alberto Bins) e através da construção de monumentos em homenagem aos próceres republicanos (Monumento a Julio de Castilhos) e no nome de prédios públicos.

A Rua da Praia (dos Andradas) era a principal rua do Centro da cidade, nela situava-se o comércio mais sofisticado: joalherias, lojas de tecidos finos, de luvas, de chapéus, de porcelanas, de charutos e também papelarias e livrarias.



A nova ordem política republicana trouxe a necessidade de reorganizar espacialmente a sociedade, entre outras formas através de um processo de segregação dos espaços sociais urbanos de habitação e trabalho.

As classes altas que habitavam no Centro da cidade, na Rua Duque de Caxias, gradualmente foram se deslocando para fora do Centro, na parte mais elevada, sã e arejada do espigão central, em direção ao bairro Independência e Moinhos de Vento. Os mapas oficiais não representavam os territórios onde se concentrava grande parte da população negra de Porto Alegre, tais como o Areal da Baronesa e a Colônia Africana, que foram estigmatizados no contexto de uma sociedade que se modernizava, aburguesava e procurava apagar as marcas de um passado escravista recente e indesejado.

Nas primeiras duas décadas do século XX, uma nova arquitetura monumental de influência eclética surge no Centro da cidade com a construção de prédios públicos federais, estaduais e municipais. Entre esses, destaca-se a construção da Intendência (Prefeitura Municipal, entre 1898-1901) e a ampliação do Mercado Público (1912-13), com o acréscimo de um segundo andar, visando harmonizar os dois prédios. Localizadas ambas na Praça 15 de Novembro, essas duas edificações procuravam passar, através de sua monumentalidade, uma imagem de estabilidade e imponência dos poderes públicos no regime republicano (Doberstein, 1992).

Construído entre 1910 e 1912, na Praça Senador Florêncio (da Alfândega), o novo prédio dos Correios e Telégrafos foi projetado por Theo Wiederspahn e construído por Rodolfo Ahrons. Nele observa-se a influência da arquitetura oficial alemã da virada do século. O prédio da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional (ocupado atualmente pelo



MARGS) foi construído entre 1913 e 1914, também pelo escritório de Ahrons.

Os prédios estaduais, como o do Palácio Piratini (1909-1921), da Biblioteca Pública Estadual (1912-1921) e do Arquivo Público do Estado (1910-1912), situados nas imediações da Praça Marechal Deodoro (da Matriz), também procuravam dar visibilidade à nova concepção técnico-científica de administrar, baseada na ideologia positivista adaptada por Julio de Castilhos. A Biblioteca e o Arquivo foram projetados por Affonso Hebert, que era o Diretor de Obras Públicas do Estado. Ele também foi responsável pelo primeiro projeto do Palácio Piratini (cuja imagem ornamenta a Planta de Porto Alegre de 1906). Porém, após a realização, pelo Governo do Estado, de um concurso de projetos em Paris, o arquiteto francês Maurice Gras é contratado e projeta o Palácio, dividido em duas alas (governamental e residencial), compreendendo jardins, fontes e conjuntos escultóricos. Na fachada, destacam-se duas esculturas de Paul Landowski, o criador da estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro, que representam a agricultura e a indústria. A construção do palácio estendeu-se de 1909 a 1921, tendo sido efetivamente concluída na década de 1920.

Em 1893, foi criada a Carris Urbanos de Porto Alegre, com as linhas Independência, Floresta e Partenon. Paralelamente, os primeiros veículos automotores importados começam a circular pela cidade.

Em 1906, as companhias Carris de Ferro Porto-Alegrense (1873) e Carris Urbanos de Porto Alegre (1893) uniram-se formando a Companhia Força e Luz Porto-Alegrense, que passou a explorar o serviço de bondes elétricos e o fornecimento de eletricidade pública. Em 1908, começam a trafegar os novos bondes elétricos importados da



Inglaterra, servindo as linhas do Menino Deus, Partenon, Glória e Teresópolis.

Entre 1911 e 1919, foi aterrado um grande trecho do Guaíba e iniciada a construção do cais do porto, obra realizada pelo Governo do Estado em paralelo à melhoria da barra do porto de Rio Grande. As linhas férreas foram ampliadas, com a construção do ramal do planalto atingindo Caxias do Sul (1911) e a ligação desse com o ramal que cobria a região da fronteira oeste do Estado. Porto Alegre desenvolveu seu comércio e sua indústria, conhecendo um crescimento sem precedentes no período. A indústria porto-alegrense tornou-se a mais importante do Estado, superando as de Pelotas e de Rio Grande no final dos anos 1910.

O novo cais do porto foi construído entre 1911 e 1922 pelo aterramento e prolongamento de ruas centrais. Em 1913, a firma de Ahrons entregava a primeira parte do novo cais com o pórtico monumental de entrada do porto. Cabe lembrar que o porto era o principal acesso da cidade até a década de 1920.

Se o início da década de 1920 foi marcado pela crise política e da pecuária, não se deve concluir que tudo ia mal. Outros setores da economia estavam crescendo, e a própria pecuária se recuperaria. Em 1920, a indústria sul-rio-grandense era superada apenas pela de São Paulo e a do Distrito Federal. Também nessa década, Porto Alegre tinha cerca de 179 mil habitantes na zona urbana e assume a liderança industrial da Província, empregando cerca de 9 mil operários na produção fabril (Singer, 1968, p. 175-180).

Foi na administração de Otávio Rocha (1924-1928), chamado de “remodelador da cidade” pelos jornais locais,



que ocorre um processo de modernização urbana, com a abertura das primeiras largas avenidas pavimentadas, iluminadas, arborizadas, com amplas calçadas para pedestres e pistas para a circulação de automóveis e bondes elétricos, tais como a Julio de Castilhos, a Borges de Medeiros e a Otávio Rocha (Monteiro, 1995).

As elites começam a deslocar as suas residências gradualmente para fora do Centro, ocupando as áreas mais altas e sãs na extensão da Rua Duque de Caxias em direção a Independência e ao futuro bairro Moinhos de Vento. Ali foram construídas a Nova Hidráulica Municipal (1928) e a Praça Júlio de Castilhos.

O automóvel e o ônibus passam a concorrer gradualmente para alterar a forma de pensar a organização e os deslocamentos no espaço urbano. A Rua da Praia, a principal artéria do Centro da cidade, é o lugar de uma cultura pública urbana ligada ao jornalismo e à boêmia literária. A Rua da Praia e no entorno do Largo dos Medeiros situava-se o espaço de experiências urbanas e de atuação profissional de um grupo de letrados; um território delimitado pelos seus trajetos a pé entre os cafés, restaurantes, bares, cinemas, hotéis, clubes, casas comerciais, bancárias e, sobretudo, repartições públicas, redações de jornais e livrarias onde trabalhavam escritores, tradutores, artistas, músicos e jornalistas.

As confeitarias e os cafés eram a alma da Rua da Praia. Os grupos de estudantes, intelectuais, advogados, políticos e artistas reuniam-se ao redor de suas mesas para beber, comer, escutar música, encontrar colegas de profissão, redigir a coluna do jornal ou simplesmente observar o movimento da rua. O cinema era uma forma de sociabilidade em expansão que movimentava a Rua da Praia nas matinês de domingo nos cinemas Central, Carlos Gomes e Imperial.



A Livraria do Globo reuniu em suas rodas dos sábados de manhã uma geração de intelectuais que se destacaram no plano nacional entre as décadas de 1930 e 1940: Erico Verissimo, Mario Quintana e Augusto Meyer entre outros. Em 1929, Henrique Bertaso, proprietário da empresa, deu outro passo importante para a história da livraria e da literatura no Rio Grande do Sul ao criar a Revista do Globo. As obras e traduções desses escritores colocaram a Editora do Globo em um lugar de destaque na produção literária nacional nos anos 1930 e 1940.

Em 1935, realizou-se a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha com uma concentração de iniciativas políticas e culturais que visavam projetar a cidade no contexto brasileiro.

Com o Estado Novo, assumiu a Intendência José Loureiro da Silva (1937-1943), que contratou o urbanista Arnaldo Gladosch para elaborar um Plano Diretor para a capital (1943). A partir desses estudos, formulou-se um projeto de reformas urbanas com a realização de grandes obras viárias, como a Avenida Farrapos e a Avenida 10 de Novembro (atual Salgado Filho). A construção de prédios de alto gabarito, no final dos anos 1930, como o Sulacap, o União e o Vera Cruz, estava alterando a paisagem do Centro da cidade. A prefeitura construiu a Ponte da Azenha, melhorando a comunicação com a zona Sul da cidade, onde a Azenha, Menino Deus e Tristeza eram bairros populosos e passavam por processo de loteamento e urbanização.

Entre abril e maio de 1941, choveu sem parar em Porto Alegre, e as águas do Guaíba subiram mais de quatro metros e meio além do nível normal. O Centro da cidade ficou inundado, e só era possível deslocar-se usando barco. Os bairros mais atingidos foram a Cidade Baixa,



Menino Deus, Azenha, Santana, Floresta e Navegantes. A enchente deixou cerca de 40 mil pessoas desabrigadas.

Os anos 1950 foram marcados pela modernização dos hábitos e das formas de consumo. Em 1950, Porto Alegre já possuía quase 400 mil habitantes. É importante observar que apesar de toda a ânsia em modernizar-se, Porto Alegre mantinha características de cidade provinciana. O automóvel e o ônibus se afirmaram como meios de transporte e passaram a influenciar a forma de planejar o espaço urbano.

Em 1950, foi fundada a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), através da ação do maestro Pablo Komlós. No ano de 1954, era criada a Feira do Livro de Porto Alegre, como forma de incentivar as novas gerações à leitura e que, em todos os novembros, toma conta da Praça da Alfândega. O Estádio Olímpico foi inaugurado no dia 19 de setembro de 1954, com jogo entre Grêmio e Nacional de Montevidéu, com vitória do primeiro por 2x0.

A construção do novo Aeroporto Salgado Filho, de “arranha-céus” no Centro da cidade (como o edifício Santa Cruz) e da ponte móvel do Guaíba (que dinamizou os contatos rodoviários da capital com as regiões Sul e Nordeste) repercutiu na imprensa como indicio do otimismo da sociedade e do governo local com a modernização e o crescimento da cidade.

Não foi por acaso que tanto o estudo para o Primeiro Plano Diretor de Porto Alegre, quanto a lei que regulamentou os bairros da capital tenham surgido em 1959. Naquele ano, a lei n.º 2.022 estabeleceu os limites e os nomes dos 58 bairros da capital, deixando na ilegalidade outras 40 vilas e bairros populares.

No ano de 1959, foi criada a TV Piratini visando informar e entreter os porto-alegrenses e gaúchos. A televisão come-



çava a rivalizar com os meios de comunicação anteriores – o jornal, o cinema e o rádio – na preferência dos espectadores.

Em 1960, a população de Porto Alegre chega a 641 mil habitantes. Na década de 1960, ocorre o processo de metropolização de Porto Alegre. O crescimento acelerado da periferia da cidade ao longo das principais avenidas – Farrapos, Assis Brasil, Protásio Alves e Bento Gonçalves, entre outras – em direção aos municípios vizinhos, criou grandes vazios urbanos. Em setembro de 1963, a III Olimpíada Universitária de Verão – ou Universíade – reuniu centenas de estudantes de todo o mundo em Porto Alegre. A abertura contou com a presença do presidente João Goulart e ocorreu no Estádio Olímpico, onde se realizaram muitas das provas atléticas e os jogos de futebol.

Em 1969, o Estádio Gigante da Beira-Rio do Sport Clube Internacional foi inaugurado com o jogo Inter contra o Benfica de Portugal. O primeiro gol foi marcado por Claudiomiro, na vitória do Internacional por 2 a 1.

Nos anos 1970, gradualmente, a cidade começa a se afastar do Guaíba, com a denúncia da poluição de suas águas por esgoto doméstico, pela irrigação de lavouras com agrotóxico e por resíduos químicos despejados pelas fábricas de sapato e outras nos rios que nele deságuam. No início de 1970, o governo federal constrói a *Freeway* (BR-290), que liga Porto Alegre a Osório, facilitando o acesso ao litoral Norte. Em 1969, Telmo Thompson Flores foi nomeado prefeito pelo governador Peracchi Barcellos, tendo sido reconduzido para mais um mandato, em março de 1971.

O Museu de Porto Alegre foi criado em março de 1979, pelos historiadores Nilo Ruschel e Walter Spalding, para reunir acervo histórico específico sobre a cidade de Porto Alegre.



Nos anos 1980, a cidade atingiu o novo patamar de 1.125.000 habitantes. O processo de metropolização se aprofundou com o deslocamento de indústrias e de domicílio dos trabalhadores para os municípios da Grande Porto Alegre: Canoas, Gravataí, Viamão e Alvorada. A verticalização se intensificava nos bairros com a construção de edifícios de apartamentos em áreas antes com perfil residencial marcado por casas térreas, como Bom Fim, Moinhos de Vento, Rio Branco, Montserrat, Higienópolis, Petrópolis, Partenon, Praia de Belas, Azenha e Menino Deus, entre outros.

Entre 4 e 5 de julho de 1980, o Papa João Paulo II visitou Porto Alegre e realizou missa campal na rótula da Rua José de Alencar, assistida por mais de 300 mil pessoas. Em abril de 1982, começa a funcionar o “Brique da Redenção”, uma feira hoje tradicional na cidade, que acontece aos domingos em toda a extensão da Avenida José Bonifácio, junto ao Parque Farroupilha. Na década de 1980, a vida noturna da cidade concentrava-se nos bares do Bairro Bom Fim, nas margens e arredores da Avenida Osvaldo Aranha. Entre eles, o Bar Ocidente com seus *shows* de *rock* e apresentações teatrais que marcaram uma época de ouro da cultura jovem do período, com lançamento de várias bandas de *rock* e *punk*.

A esquina da Avenida Borges de Medeiros com a Rua dos Andradas, a chamada Esquina Democrática, foi o ponto de encontro e de reorganização da política no contexto de abertura do final dos anos 1970 e nos anos 1980.

Na década de 90, a vida noturna da cidade deslocou-se do Bom Fim para a Cidade Baixa e para o bairro Moinhos de Vento. No bairro Cidade Baixa, os inúmeros bares e casas de espetáculo movimentam a cena noturna com *show* de todos os estilos musicais, do *jazz* ao *rock* metal, passando pela MPB e música regionalista. No bairro Moinhos de Vento, os bares temáticos e os restauran-



tes de cozinha internacional das ruas Fernando Gomes e Padre Chagas passam a reunir uma clientela seleta pertencente à elite porto-alegrense.

Em 2000, segundo o IBGE, Porto Alegre possuía 1.360.590 habitantes e apresentou uma taxa de crescimento populacional de 0,93% entre 1991 e 2000. Em 2010, o censo demográfico do Instituto apurou que a cidade tinha 1.409.351 habitantes. A realização de cinco edições do Fórum Social Mundial em 2001, 2002, 2003, 2005 e 2010 (Fórum Social Mundial Regional da Grande Porto Alegre) tornou a cidade mundialmente conhecida, tendo entrado definitivamente no mapa político e turístico internacional. A Bienal do MERCOSUL, iniciada em 1997 e com novas edições a cada dois anos, continua promovendo o debate artístico-cultural e a integração entre os países do Cone Sul através da renovação das linguagens artísticas. A construção do prédio da *Fundação Iberê Camargo* pelo arquiteto português Álvaro Siza colocou a cidade definitivamente na rota do turismo cultural.

Porto Alegre é uma das cidades-sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014, e investimentos estão sendo feitos para um evento de tamanha envergadura. Após uma década de projetos e debates na Câmara e Executivo, as administrações estaduais e municipais se aliaram para aprovar e viabilizar o projeto de revitalização do Cais Mauá, que foi foco de calorosos debates na Câmara de Vereadores e despertou fortes reações pró e contra na sociedade porto-alegrense.

Porto Alegre continua a defrontar-se com os desafios que o passado e o presente lhe legaram, mas parece haver, mais do que em qualquer outro período anterior, maior consciência e participação da sociedade civil na discussão e na busca de alternativas viáveis para o enfrentamento dos problemas urbanos.



BIBLIOGRAFIA

BAKOS, Margaret. M. *Porto Alegre e seus eternos intendent*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 15-80.

CORUJA, Antônio Álvares Pereira. *Antigualhas: reminiscências de Porto Alegre*. 5ª ed. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1996.

DOBERSTEIN, Arnaldo W. *Porto Alegre, 1900-1920: estatutária e ideologia*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

DORNELLES, Beatriz (org.). *Porto Alegre em destaque. História e Cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imagens sentimentais da cidade*. Porto Alegre: Globo, 1940. ____ . *Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1970. ____ . *O Carnaval porto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1970.

FRANCO, Sergio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1988.

GOUVÊA, Paulo de. *O Grupo: outras figuras, outras paisagens*. Porto Alegre: Movimento, 1976.

MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre. Origem e crescimento*. Porto Alegre: Sulina, 1968. ____ . *Porto Alegre: história e vida da cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1973. ____ . *Porto Alegre: aspectos culturais*. Porto Alegre: SMEC/Divisão Cultura, 1982. ____ . *História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1993. ____ . *Porto Alegre: origem e crescimento*. 2ª ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000.

MAZERON, Gaston H. *notas para a história de Porto*



Alegre. Porto Alegre: Globo, 1928.

MEYER, Augusto. *Nos tempos da flor*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1966.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade. A construção social do espaço urbano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MONTEIRO, Charles. *Breve história de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Cidade; Letras & Vida, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

_____. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Ed. Nacional, 2001.

RUSCHEL, Nilo. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971.

SANHUDO, Ary da Veiga. *Porto Alegre. Crônicas de minha cidade*. Porto Alegre: Sulina, 1961.

_____. *Porto Alegre. Crônicas da minha cidade*. 2ª ed. Porto Alegre, EST/IEL; Caxias/Universidade de Caxias do Sul, 1979.

SINGER, Paul. Porto Alegre. In: SINGER, P. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional; EDUSP, 1968, pp.180-181.

SPALDING, Walter. *Pequena história de Porto Alegre*. Porto Alegre: Sulina, 1967.

TOSTES, Theodomiro. *Nosso bairro - memórias de Theodomiro Tostes*. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989.



